

UCRÂNIA: SUA HORA MAIS SOMBRIA

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A ideia de que Putin concordará em negociar a porção ocupada do território de Kursk com a Ucrânia é um delírio, especialmente depois do Oreshnik.

Vejamos por quê. Kiev está perdendo a guerra. O lançamento russo do míssil Oreshnik é uma “virada de jogo”. Mas, à espera de Trump, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha parecem não querer ouvir aos avisos de Moscou.

ENGENHEIROS MILITARES RUSSOS NA VANGUARDA

O “Iskander” é um análogo das três modificações do ATACMS, enquanto o alcance do sistema russo é ainda maior, disse Putin recentemente. Ele destacou ainda que os novos mísseis americanos têm características inferiores aos russos.

Outras declarações importantes do presidente russo na cúpula da CSTO:

- Os sistemas hipersônicos russos não têm análogos no mundo e sua produção está aumentando;
- O míssil russo X101 excede significativamente o alcance dos sistemas fabricados na Europa;
- A Federação Russa sabe quantas armas ocidentais foram fornecidas à Ucrânia e quantas estão previstas para serem fornecidas;

- Moscou tem repetidamente chamado a atenção para o fato de que permitir que Kiev lance ataques com mísseis de longo alcance significa o envolvimento direto do Ocidente no conflito.

O ORESHNIK MUDA AS REGRAS DO JOGO

O Kremlin não só aprovou uma nova doutrina nuclear, mas respondeu no terreno lançando um novo míssil hipersônico chamado Oreshnik, que atingiu a fábrica Yuzhmash na cidade de Dnipro, uma fábrica subterrânea fortificada da era soviética que produz mísseis, satélites e motores espaciais.

O Oreshnik é um míssil balístico de alcance intermediário (5.500 km) capaz de abrigar seis ogivas, cada uma das quais pode liberar até seis submunições.

Embora os mísseis balísticos deste tipo sejam normalmente concebidos para albergar ogivas nucleares, Oreshnik também pode operar sem elas: seu segredo é a capacidade de atingir uma velocidade de Mach 10 (igual a 10 vezes a velocidade do som, ou mais de três quilômetros por segundo).

Ao cair em velocidade hipersônica sobre seu alvo, um míssil desse tipo é capaz de acumular energia cinética capaz de penetrar profundamente até mesmo em estruturas fortificadas, pulverizando-as, graças às temperaturas liberadas.

De acordo com Ted Postol, especialista americano de longa data do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, esta é uma arma “*completamente nova*”. As mensagens enviadas pelo Kremlin ao revelar este míssil recentemente desenvolvido são múltiplas.

Primeiro, Moscou provou que não estava mentindo quando ameaçou uma resposta proporcional ao ataque de mísseis ocidentais em solo russo.

Em segundo lugar, o Oreshnik representa uma resposta à retirada dos EUA do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF) em 2019. Em julho deste ano, os Estados Unidos anunciaram que iriam instalar mísseis nucleares de alcance intermediário na Alemanha até 2026.

Moscou antecipou-se a Washington, mas introduziu uma arma convencional recentemente desenvolvida, capaz de chegar a quase qualquer lugar da Europa em menos de 20 minutos e virtualmente impossível de ser interceptada devido à sua velocidade hipersônica e manobrabilidade. Utilizado em massa, este míssil de nova geração pode ter efeitos comparáveis aos das armas nucleares táticas (mas sem os inconvenientes da radiação). O Oreshnik é também uma resposta à abertura oficial, pelos Estados Unidos, da base Redzikowo na Polônia. Abrigará o sistema de mísseis Aegis Ashore, capaz de interceptar mísseis balísticos de curto e médio alcance, mas também de lançar mísseis Tomahawk armados com ogivas nucleares capazes de atingir Moscou em poucos minutos.

Os russos agora acrescentaram esta base à sua lista de alvos prioritários. O Oreshnik está entre os possíveis candidatos capazes de destruí-la.

Finalmente, esta arma pode representar uma mensagem inequívoca dirigida aos líderes ucranianos escondidos nos seus *bunkers* em Kiev.

A Névoa da Guerra 2.0 é muito espessa. Um mito inventado? As tropas norte-coreanas lutam contra os ucranianos em Kursk.

Em artigo publicado por Tim Beal, em 13 de novembro de 2024, podemos encontrar uma pista para essa formidável *fake news*.

“A história das tropas norte-coreanas pode ser razoavelmente descrita como um mito, porque a afirmação central de que Kim Jong-un está vindo em auxílio de um Vladimir Putin desesperado, enviando tropas a Kursk para combater a Força Aérea dos EUA e que isso representa uma ameaça não só para a Ucrânia mas para a OTAN, em ambos os lados do Atlântico, é mais fantasia do que realidade. É muito provável que haja tropas norte-coreanas na Rússia, em vários locais, fazendo várias coisas (treinamento, ligação, manutenção de sistemas, etc.), mas chamar isso de uma escalada que representa a entrada de um terceiro estado no conflito é enganoso, porque isso sempre foi uma guerra entre a Rússia e a OTAN, na qual a Ucrânia é simplesmente a ponta descartável da lança essencialmente americana. É uma ameaça mítica concebida para arrastar a OTAN para uma guerra direta, em vez de uma guerra por procuração, com a Rússia. Não que não tenha havido inúmeras tentativas de fornecer “evidências” para dar corpo ao mito, muitas delas bastante ridículas e embaraçosas para os profissionais. Por exemplo, o NK News, um meio de comunicação ocidental especializado em notícias coreanas e anti-Coreia do Norte, lamentou como o envio de tropas da Coreia do Norte para a Rússia desencadeou uma onda de notícias falsas. Além de histórias falsas mostrando ‘soldados norte-coreanos’ mortos ou feridos, o NK News mencionou publicações nas redes sociais que supostamente mostravam russos provando carne de cachorro norte-coreana. No entanto, o Norte e o Sul usam termos diferentes para carne de cachorro, e a lata mostrada nas fotos era sul-coreana. Notícias falsas podem ser uma questão complicada.”

PERSPECTIVAS DE PAZ E CENÁRIOS ALARMANTES

Enquanto se aguarda a tomada de posse de Trump na Casa Branca, as perspectivas de paz não parecem promissoras, especialmente porque o Ocidente não parece disposto a atender aos avisos russos.

Entretanto, nos últimos dias Moscou manifestou sua vontade de iniciar negociações de paz, indicando algumas condições indispensáveis para a Rússia, entre as quais se destaca a neutralidade da Ucrânia.

No entanto, as dificuldades parecem numerosas, desde a definição das concessões territoriais que Kiev deveria aceitar, passando pelas garantias de segurança que deveriam ser fornecidas, até à desmilitarização do país de que Moscou provavelmente não quer abrir mão.

As nomeações de Trump também não são encorajadoras à primeira vista, pois formarão uma equipa de política externa composta em grande parte por *falcões*, embora às vezes fartos do conflito ucraniano. Entre estas nomeações, a mais

recente é a do general reformado Keith Kellogg como enviado especial para a Ucrânia. Kellogg formulou um plano de paz, mas também disse recentemente que disparar mísseis ATACMS em território russo daria a Trump poder de negociação adicional em uma futura negociação com Putin.

A estes elementos de incerteza devemos acrescentar a enorme desconfiança que Moscou desenvolveu agora em relação aos Estados Unidos. Uma desconfiança que levou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Sergei Lavrov, a declarar há poucos dias que uma solução diplomática ainda está longe, especialmente porque *“Washington e seus satélites continuam obcecados com a ideia de infligir uma derrota estratégica à Rússia”*.

Como concordamos com um camarada analista argentino que sabe disso: *“É preciso realmente estar convencido de que os ucranianos estão apostando em chegar a negociações com parte de Kursk ocupada (já perderam quase metade do que ocuparam em setembro) e que Putin vai concordar em negociar o território ocupado. Pessoalmente, me parece um delírio, especialmente depois do IRBM Oreshnik. Por outro lado, os russos começaram a enviar unidades BARS (voluntárias) para Kursk, provavelmente para substituir unidades de fuzileiros navais e tropas aerotransportadas para uso em outras áreas de operações.”*

Nota adicional: o arco de crise que afeta os teatros do Oriente Médio e da Europa vê uma linha direta entre a guerra na Ucrânia e a da Síria, por causa do Hezbollah, Aleppo e da Rússia. Falaremos disso em um próximo artigo.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
